

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CLARICE GOMES DE ALMEIDA

**(RE)ENCONTROS QUE TRAMAM EXISTÊNCIAS: EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA E
EDUCAÇÃO FORMAL NO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA
(HULHA NEGRA, RS)**

**BAGÉ
2019**

CLARICE GOMES DE ALMEIDA

**(RE)ENCONTROS QUE TRAMAM EXISTÊNCIAS: EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA E
EDUCAÇÃO FORMAL NO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA
(HULHA NEGRA, RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss

**Bagé
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A447(Almeida, Clarice Gomes de
(Re)encontros que tramam existências: educação comunitária
e educação formal no Assentamento Conquista da Fronteira
(Hulha Negra RS) / Clarice Gomes de Almeida.
70 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2019.

"Orientação: Dulce Mari da Silva Voss".

1. Assentamento Conquista da Fronteira. 2. Educação
Comunitária. 3. Educação Formal. 4. Memórias. 5. Micropolítica
de subjetivação. I. Título.

CLARICE GOMES DE ALMEIDA

**(RE)ENCONTROS QUE TRAMAM EXISTÊNCIAS: EDUCAÇÃO
COMUNITÁRIA E EDUCAÇÃO FORMAL NO ASSENTAMENTO CONQUISTA
DA FRONTEIRA (HULHA NEGRA, RS)**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino Mestrado
Acadêmico em Ensino da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Mestre em Ensino.

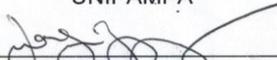
Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari
da Silva Voss

Dissertação de Mestrado Acadêmico em Ensino defendida e aprovada em: 08
de agosto de 2019.

Banca examinadora:



Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss
Orientadora
UNIPAMPA



Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga
UNIPAMPA



Prof. Dra. Renata Hernandez Lindemann
UNIPAMPA



Prof. Dra. Viviane Castro Camozzato
UERGS

Dedico este trabalho a minha mãe que além de me ensinar as primeiras letras foi meu exemplo e referência de amor e paciência; a meu pai, meu amigo e confidente de todas as horas, parceiro de prosas buenas; a minha filha Tainá por todo o amor, compreensão e companheirismo.

.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Mestre e Amor Maior da minha vida JESUS, a ELE toda a honra e glória por todos os ciclos, estações e luas!

Nessa composição pude dialogar com muita gente e entre esses tantos citei Clarice Lispector, Mário Osório Marques, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Nietzsche, Baumann, Paulo Bomfim (nos deixou no dia 08 de julho de 2019, aos 93 anos), José de Souza Martins, Certeau, Roseli Caldart, Miguel Arroyo e outros. E de modo especial e particular, citei também os meus amigos, aqueles que andaram de mãos dadas comigo por essa estrada. Aqueles com quem foi possível compartilhar das alegrias, das inquietações que foi esse estradear: Olavo Loreto meu amigo poeta, que muito me ajudou nas horas angustiantes com quem eu conversava sobre essas questões. O grupo de Estudo e Pesquisa Philos Sophias espaço potente e criador de possibilidades e visibilidades, pois através dos momentos de estudos e participação em eventos foi possível compartilhar dos movimentos dessa escrita, tornando-a, no território do pensamento, uma micropolítica de afetos e devires. E a minha orientadora Dra. Dulce Mari da Silva Voss, a quem expressei minha gratidão por ter muitas vezes represado as minhas águas de modo potente e instigador para que eu pudesse chegar nessa etapa do caminho e perceber que há muito ainda que estradear com múltiplas possibilidades para continuar essa reflexão filosófica através de diálogos possíveis com muitos outros e outras, na composição de outras paisagens e outros personagens. Esse é, portanto o curso da cartografia, que deixa o mapa em aberto para que haja a possibilidade de outros povoamentos.

Aos meninos e meninas com suas famílias (de modo peculiar e muito carinhoso as mulheres-mães) para quem escrevi essa carta de afeto em nome das saudades que ainda nos habitam produzindo essas memórias desde os lugares que hoje ocupamos seja como diz Clarice Lispector, um modo de desabrochar. Sim, é isso: estamos apenas querendo desabrochar de um modo ou de outro, atendendo o que a vida nos pede com urgência por conta de tempos áridos onde há necessidade de produzir resistência para prosseguir. E como diz Mercedes Sosa: *Gracias a la vida que me a dado tanto.*

“Juntar as letras e ensinar formar palavras
Dar nome aos bichos e explicar as estações
Saber dos rios que correm longe pela terra
E acompanhar o florescer das emoções”.

Olavo Loreto

RESUMO

Os (re)encontros com os sujeitos que dão vida ao Assentamento Conquista da Fronteira foram as forças inspiradoras dessa escrita. Na condição de cartógrafa cruzei meus olhares e fabulei memórias com os/as outros/as personagens que habitaram as paisagens existenciais da pesquisa. Conversar, ler, escrever, plantar, cozinhar e também poetizar fez parte desse mapa que traçou diferentes retornos e que permitiram experimentar perceptos e afectos. Operação de um pensamento rizomático efetuada no cruzamento de duas linhas: educação comunitária e educação formal que, atravessadas por fluxos de desejos e emoções, se abriram a outras, constituindo um plano de imanência macro e micropolítico de tempos passados e presentes que produzem os modos pelos quais os sujeitos percebem suas relações com os lugares, os tempos e as próprias existências no Assentamento Conquista da Fronteira. Produzir memórias das vivências compartilhadas com amigos e amigas tornou essa escrita um território fértil de devires, forças que pulsam numa sementeira da vida. Aí está uma composição feita de histórias e múltiplas afecções, procurando encontrar visibilidade com essa obra que ao se fazer foi ganhando os requintes dos detalhes, a expressão precisa do pensamento e do afeto que desenham uma micropolítica de subjetivações.

Palavras-chave: Assentamento Conquista da Fronteira. Educação comunitária. Educação formal. Memórias. Micropolítica de subjetivação.

RESUMEN

Los (re)encuentros con los sujetos que dan vida a lo “Assentamento Conquista da Fronteira” fueran fuerzas de este escrito. En la condición de cartógrafa yo crucé mis miradas y fabulé memorias con los/las otros/as personajes que habitarón los paisajes existenciales de la investigación. Charlar, leer, escribir, plantar, cocinar y también poetizar hizo parte de esse mapa que trazó distintos retornos y que permitiran experimentar perceptos y afectos. Operación de un pensamento rizomático realizado en el cruce de los líneas: educación comunitaria y educación formal que, atravesadas por flujos de deseos y emociones, se abirán a las otras, constituyendo um plan de inmanencia macro y micropolítico de tiempos pasados y presentes que producen los modos por los cuales los sujetos perciben sus relaciones con los lugares, los tiempos e sus propias existências en el “Assentamento Conquista da Fronteira”. Producir memorias de las vivencias compartidas con amigos y amigas tornó este escrito un territorio fértil del devires, fuerzas que pulsan en una siembra de la vida. Allí está una composición echa de historias y múltiples afecciones, procurando encontrar visibilidad con esa obra que al hacerse fue ganando los refinamientos de los detalles, la expresión necesita de lo pensamento y de lo afecto que dibujan una micropolítica de subjetivaciones.

Palabras-clave: Assentamento Conquista da Fronteira. Educación comunitaria. Educación formal. Memorias. Micropolítica de la subjetivación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – A roupa de pano de saco	25
Figura 02 – A estética do sabor.....	25
Figura 03 – A paisagem I	27
Figura 04 – A paisagem II	25
Figura 05 – A experimentação	28
Figura 06 – Laços de afeto.....	29
Figura 07 – Abraços inteiros.....	29
Figura 08 – Leoni e eu.....	31
Figura 09 – O reencontro de vidas e histórias.....	32
Figura 10 – O presente.....	32
Figura 11 – O desenho.....	34
Figura 12 - Olhares sobre as paisagens	34
Figura 13 – Frei Sérgio Görden.....	36
Figura 14 – Os primeiros tempos	39
Figura 15 – Os novos caminhos.....	39
Figura 16 – A estrada I.....	40
Figura 17 – A estrada II.....	40
Figura 18 – Eu e Seu Sebastião	41
Figura 19 – Visita à sede.....	42
Figura 20 – A chegada dos romeiros	44
Figura 21 – A bandeira da PJ.....	46
Figura 22 – A caminhada	47
Figura 23 – O gesto simbólico.....	48
Figura 24 – Tragédia de Brumadinho I	49
Figura 25 – Tragédia de Brumadinho II.....	49
Figura 26 – Modelo agrícola excludente.....	49
Figura 27 – O uso dos agrotóxicos.....	50
Figura 28 – A marcha	50
Figura 29 – A escola	52
Figura 30 – A escola e eu.....	52
Figura 31 – Eu, ele e as roseiras.....	56
Figura 32 – Eu, ele e as laranjeiras.....	56
Figura 33 – O presente para a professora.....	57

Figura 34 – O reencontro	57
Figura 35 – A Educação Infantil	60
Figura 36– Os educandos nos Anos Iniciais	60

SUMÁRIO

1 DO QUE MOVE O PENSAMENTO.....	13
2 O TRAÇADO DO MAPA.....	19
3 VIDAS COTIDIANAS NO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA	24
3.1 O (re)encontro com Frei Sérgio	35
3.2 A Pastoral da Juventude e a religiosidade do MST	42
4 TERRA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA	52
4.1 Cleiton e Nieverson: forças potentes que criam devires	57
5 DO MINORITÁRIO AO MAJORITÁRIO: A LUTA PELA TERRA E PELA VIDA ..	62
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE: Termo de consentimento livre e esclarecido	70

1 DO QUE MOVE O PENSAMENTO

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro.

Clarice Lispector

Nessa escrita, convido Clarice Lispector e muitos outros a fazer desabrochar as palavras e as coisas que me afetam nas andanças dessa vida, recompondo encontros que desenham retornos. Quando escrevo, brinco com as palavras, convido-as para dançar, faço arranjos como faria o compositor de uma canção.

Lanço-me nesse desafio inspirada também em Mário Osório Marques que num tom leve e poético, diz:

[...] só escrevendo se escreve. Não se trata de preparar-se para o escrever. É ele ato inaugural, começo dos começos. Para engatar a sério uma conversa é preciso, como quem nada quer puxar por ela sem muita pressa em chegar ao assunto determinado. Para proveitosamente saber o que ler é preciso saber onde o escrever chegou e por onde pretende andar caminhos que se fazem andando. (MARQUES, 2006, p. 11-12)

Ao escrever, crio territórios que passo a habitar por meio de memórias compartilhadas com outros sujeitos. Experimento a alegria desses encontros movidos pelo desejo de produzir a estética da existência, “[...] uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder”. (FOUCAULT *apud* CASTRO, 2016, p.150-151)

Desse modo constitui-se a arte parresiasta¹, pois escrever é correr riscos pelo ato de pronunciar e assumir com coragem a verdade que se cria. Escrevo corajosamente movida pelo desejo de “unir as pontas do afeto e da ciência”, expressão essa de uma letra de música que fala do professor da escola do campo cujo autor é Olavo Loreto, um amigo pessoal, grande letrista e pensador das causas sociais com quem muitas vezes dialoguei sobre esse trabalho.

¹ Conforme Foucault (2011) o parresiasta no dizer a verdade assume um risco diante daquele a quem tal verdade se dirige. E quando a verdade que é dita é recebida pelo outro, é assim que se estabelece o verdadeiro jogo da parresia.

E o que entendo por unir as pontas do afeto e da ciência? Inventar uma escrita deslocada dos padrões modernos², ou seja, uma produção que apresente rigor científico, pelo exercício do pensamento fundamentado teoricamente, crítico e criador, mas sem a rigidez de uma linguagem acadêmica. Pensamento movido pelas emoções, conectando linhas imaginárias à perceptos e afectos³ que se entrelaçam numa coisa chamada autoria. Um modo de olhar e dar brilho as coisas que se vive e se tornam acontecimentos a estetizar existências.

Para isso, busco inspirar-me na perspectiva de análise Deleuze-guattariana que se desvia da visão arbórea do conhecimento e opera o pensamento como rizoma⁴, emaranhado de fios que se conectam, atravessam e abrem novas possibilidades, movidos por fluxos intensos. Operar o pensamento como produção rizomática, sem começo nem fim, onde os acontecimentos são tecidos pelas forças que desenraizam e provocam movimentos em diferentes direções.

Portanto, busco operar o pensamento atravessado pelas forças que me movem e que não cabem num plano cartesiano de racionalidade universal, mas atuam numa perspectiva rizomática composta por multiplicidades de perceptos e afectos, produzindo memórias nos encontros com os sujeitos da pesquisa.

Pesquisar essa composição, é ver as coisas com uma lente sensível e inventar percursos investigativos. Um “estradejar” de tempos e histórias que (re) desenham constantemente experiências, misturam passado e presente. Daí surgem diferentes retornos ao Assentamento Conquista da Fronteira, campo empírico da pesquisa que originou essa Dissertação. Encontros fabricados pelo desejo de viver relações de afeto no sentido de deixar-se afetar pelas histórias recriadas através das memórias em torno de experiências vividas com as pessoas daquele lugar.

² Michel Foucault (1999) refere-se ao pensamento da modernidade que concebe o homem com um ser universal e detentor de uma “verdade” científica que fabrica *epistemes* fracionando o conhecimento em disciplinas.

³ Segundo Deleuze (2001) perceptos e afectos não são simples sensações, mas efeitos dessas sensações que aumentam ou diminuem a potência do agir, ou seja, perceptos e afectos são ativos ou passivos e esses agem sobre os corpos, potencializando ou inibindo desejos, forças imanentes que ativam o pensamento.

⁴ De acordo com Deleuze e Guattari (2011, p. 48-49): “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”.

Experiências que acontecem no inusitado dos encontros. Assim, proponho-me a produzir ciência mergulhada em afetos sem precisar de muito esforço para isso, pois aprendi com a vida a colocar um pouco de poesia em tudo e desse modo fazer com que fique mais belo o estradear.

E por que esse lugar? Essa escolha não é aleatória. Ela acontece movida pelas experiências que me subjetivaram nos movimentos sociais da Pastoral da Juventude (PJ) e do Movimento Sem Terra (MST), e como docente na Escola Quinze de Junho no Assentamento Conquista da Fronteira. Nasce das experiências que compus com os Trabalhadores Sem Terra, embaixo das lonas dos acampamentos, nas romarias, nas conversas onde mais do que ser solidária a uma causa, me lancei na defesa pelo direito a terra das famílias que foram assentadas na região da campanha gaúcha. Percebo hoje que pude experimentar ali muitas aprendizagens. Saborear com as famílias o pão com fermento de batata e demais alimentos repartidos enquanto lutavam por uma “Terra Prometida”. Luta “alumiada” com a “Palavra do Livro Sagrado”, a Bíblia. Via aqueles momentos com olhos transcendentais, pois entendia Jesus como um revolucionário que sempre fez a escolha de andar com os “pequenos” de seu tempo.

Falo também de outros tempos em que atuei na Escola do Assentamento e vivi intensamente a docência de um modo peculiar. Embora, para muitos ser professor/a em escolas de assentamentos represente “passar trabalho” frente à precariedade de acesso das estradas que conduzem a esses lugares, os invernos e verões rigorosos, as fragilidades nas condições de saúde e moradia das crianças, as lutas das famílias pela sobrevivência, por mais que me sentisse afetada por todos esses desafios, eles não me impediram de acreditar no que fazia e no como fazia, sempre repleta de inquietudes e indagações. Portanto, não me sentia a “coitada da professora da zona rural de uma escolinha cai não cai”, como adverte Miguel Arroyo (1999) em um de seus escritos acerca das representações que desqualificam as escolas do campo. Não pensava desse modo, vivia intensamente o processo de construção da educação libertária do MST, ato estético-político que vai além da ideia de ensinar o *bê-a-bá* em escola de assentamento.

Ao retornar ao Assentamento e produzir memórias dos encontros passados e presentes com as pessoas daquela comunidade, meu olhar de pesquisadora está imerso numa criação de histórias desde dentro, misturo-me a essas histórias, deixo deslizar as emoções que me afetam, experimento cheiros, sabores do pão de forno,

do leite recém-tirado, do perfume dos jasmims da primavera que florescem em todas as estações, dando sabor aos meus dias, fazendo-os mais floridos no desabrochar das rosas vermelhas que hoje também enfeitam minha janela do amanhecer ao pôr do sol. Vem na mente também o cheiro e o fazer do sabão caseiro na sua composição química de múltiplos misturados que produzem a ação alvejadora. Sabores, aromas, imagens, canções que atravessam meus sentidos, e agem como forças inspiradoras da escrita dessas memórias⁵.

Através das memórias torno as experiências vividas acontecimentos⁶ que enredam e produzem os sujeitos e os territórios habitados sempre em vias de se desterritorializar e reterritorializar pelos diferentes retornos produzidos em que encontro os sujeitos que ali ainda vivem ou que se lançaram a outros lugares, outras vidas.

Desenho uma micropolítica de subjetivações como efeito de memórias criadas em torno das experiências de educação comunitária, entendida como aquela que acontece na convivência das famílias e nos fazeres cotidianos engendrados nos movimentos do MST, no Assentamento e das experiências da educação formal que aconteceram na Escola Quinze de Junho. Opero o pensamento rizomático pela criação de duas linhas: educação comunitária e educação formal, buscando compreender os movimentos e discursos produzidos pelas memórias e que desenham a trama existencial da micropolítica de subjetivações dos personagens que passam a habitar esses territórios e os modos como emergem devires singulares nesse plano de existências múltiplas. Penso as memórias das experiências de educação comunitária e escolar como linhas que cruzam planos macro e micropolíticos de tempos passados e presentes e produzem os modos pelos quais os sujeitos percebem suas relações com os lugares, os tempos e as próprias existências.

⁵ Como esclarece Hur (2012, p. 181), na concepção de Deleuze: “[...] a memória não se restringe a uma versão única e linear sobre os fatos, e sim possui um caráter múltiplo, difuso, caótico, em que se ramifica e se desdobra de uma maneira magmática, a partir de uma interconexão de múltiplos planos temporais, que inclusive podem contradizer-se um com o outro.

⁶ O conceito de acontecimento produzido por Foucault pode ser entendido de duas formas: como novidade ou diferença e como prática histórica. Partindo da análise arqueológica, Foucault entende que é possível encontrar no discurso tanto a novidade quanto a regularidade histórica de práticas discursivas. Ainda, pode-se dizer que é a relação entre descontinuidades e regularidades das práticas discursivas e não-discursivas que constituem a materialidade do acontecimento, o que demonstra a relação de forças presentes na luta discursiva pela produção de regimes de verdades, já que: “[...] As lutas na história, levam-se a cabo através das práticas de que se dispõe, mas, nesse uso, elas se transformam para inserirem-se em novas táticas e estratégias de luta”. (CASTRO, 2016, p. 25)

Porém, não pretendo fabricar uma identidade do sujeito assentado. Analiso os processos de subjetivação que afirmam o direito de ser diferente daquilo que aprisiona, nomeia, separa, identifica e universaliza os sujeitos, que provoca o governo sobre a individualidade, seja ele institucional ou não.

Aliada ao pensamento de Foucault, Deleuze e Nietzsche, concebo a subjetividade como pluralidade produzida na/pela diferença pura, repetição complexa que subverte a concepção de sujeito uno, coerente, consciente, autônomo produzido na modernidade e que separa razão de emoção, ciência e fé.

Busco entender os processos de subjetivação produzidos por atravessamentos que conectam as experiências vivenciadas no Assentamento Conquista da Fronteira e fora dele, mas que também operam desvios, fugas, abrem novas linhas nos planos de existências que cada um/a fabrica para si.

Ou seja, penso a produção de subjetividades como devires singulares⁷, pois, na perspectiva da Filosofia da Diferença, entendo que são múltiplos os agenciamentos produzidos nas experiências de vida escolar e comunitária, experiências que educam sujeitos.

Portanto, busco um pensamento rizomático em direção a uma micropolítica de subjetivações que conectam, mas também desviam existências múltiplas, ou seja, histórias constituídas pelo emaranhado de memórias das experiências dos sujeitos que vivem e/ou viveram no Assentamento Conquista da Fronteira implicados pelas contingências históricas e políticas dos tempos e espaços passados e presentes. Produção de subjetividades nos modos de existir de cada sujeito que carrega e cria certos princípios constituídos nas experiências com os outros e os transforma de modo singular.

Assim, invento diferentes retornos ao Assentamento Conquista da Fronteira. Crio paisagens. Traço o mapa das memórias que constituem territórios existenciais, uma cartografia das experiências que vivi com Frei Sérgio, uma liderança política e religiosa na luta do MST pelo Assentamento Conquista da Fronteira e que permanece atuando na comunidade, dos dois jovens que estudaram na Escola

⁷ Deleuze; Guattari (2012, p. 93) dizem que: “Só há sujeito devir como variável desterritorializada da maioria, e só há termo *médium* do devir como variável desterritorializante de uma minoria. O que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. Você não se desvia da maioria sem um pequeno detalhe que vai se pôr a estufar, e que lhe arrasa”.

Quinze de Junho na época em que lá fui professora e hoje prosseguem suas vidas em outros lugares, e as mulheres-mães que moram ou moraram no Assentamento.

2 O TRAÇADO DO MAPA

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Clarice Lispector

Delineei um percurso de produção e análise dos acontecimentos, rompendo com a concepção cartesiana de tempo que se ordena numa sucessão cronológica de períodos, datas, anos. Ou seja, com base em Foucault (1999), entendo que a história não é uma sucessão linear de fatos, mas uma produção de acontecimentos que fabricam os modos de subjetivação dos sujeitos.

Adotei a perspectiva rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 2017), traçando um mapa de análise das memórias em torno das experiências com o lugar e os sujeitos que vivem o Assentamento Conquista da Fronteira, entendendo que os processos educativos escolares e comunitários acontecem de modo complexo e múltiplo⁸.

Assim, entrelaço histórias que se formam por atravessamentos descontínuos, contingentes, sempre passíveis de novas configurações. Pois, mapear esse território sempre em vias de se desterritorializar implica em buscar compreender os movimentos que desenham essa trama em constante transformação.

Portanto, a investigação teve como perspectiva metodológica a cartografia⁹, um dos princípios do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática, uma vez que, neste método:

[...] a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogênica: plano de diferenças e plano de diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10)

⁸ Conforme Deleuze; Guattari (2011, p. 43): “Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação, como dimensões, mas também de linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se matamorfosia, mudando de natureza”.

⁹ A cartografia se configura num caminho inverso das metodologias tradicionais: “A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.10-11)

Falo, portanto, de memórias produzidas por afectos e perceptos que compõem o mapa de linhas múltiplas inventadas pelo pensamento. Como cartógrafa, traço o mapa das experimentações vividas no MST e no Assentamento Conquista da Fronteira para constituir territórios de olhares, escutas e vivências que buscaram ir além de uma simples análise de histórias observadas de fora. Busquei experimentar com os sujeitos os fazeres do cotidiano e acompanhar os efeitos dessas experiências nos modos como se criam singularidades. Fazer o traçado desse mapa de memórias e experimentações que “[...] direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência a experiência do saber. Eis aí o "caminho" metodológico” percorrido. (PASSOS; BARROS *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 18)

Logo, o campo empírico da pesquisa se produziu “[...] pelo estar junto e participar daquilo que acontece naquela comunidade, para conhecer com a cognição ampliada, isto é, aberta ao plano dos afetos”. (BARROS; KASTRUP *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 61)

As experiências vivenciadas na vida comunitária e nas interações com os sujeitos produziram mutuamente os territórios e os personagens da pesquisa, uma vez que, cartografar os processos de produção de existências implica habitar os territórios criados pelo pensamento do pesquisador que também se torna personagem e compõe essas paisagens. Assim: “As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem”. (ALVAREZ; PASSOS *In*: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 134)

Territórios existenciais produzidos em forma de narrativas que foram registradas num diário de campo, procurando elaborar a escrita das coisas ditas, ouvidas e pensadas nas visitas à comunidade e em outros momentos/espços de interação com os demais sujeitos da pesquisa como as conversas via redes sociais. Além de descrever os encontros, registrei por meio das narrativas e de imagens fotográficas impressões, sensações e as conversas realizadas, pessoalmente ou virtualmente, para traduzi-las em memórias de experiências:

[...] para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência. Há uma processualidade na própria escrita. Um processo aparentemente individual ganha uma dimensão claramente coletiva quando o texto traz à cena falas e diálogos que emergem nas sessões ou visitas ao campo. [...] A multiplicidade de vozes, onde participantes e autores de textos teóricos entram em agenciamento coletivo de enunciação. (BARROS; KASTRUP In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 71)

As anotações feitas no diário de campo e as fotografias funcionaram como dispositivos que indicaram linhas de visibilidade, enunciação, força e subjetivação sentidas, percebidas e ditas na análise das narrativas. Quando me refiro a dispositivo, trago esse conceito da teoria foucaultiana entendendo esses como elementos heterogêneos do dito e do não dito cuja função estratégica é oferecer um campo novo de racionalidade. (CASTRO, 2016)

Deleuze (1992) retoma e modifica o conceito de dispositivo criando a ideia de linhas que combinam o visível e o dizível¹⁰ em dado momento histórico, sendo possível extrair dessas variações, enunciações, agenciamentos e subjetivações.

As fotografias revelam o olhar que eu-pesquisadora lancei sobre os lugares, os sujeitos e as experiências ao constituir as paisagens existenciais da pesquisa. Com isso, busquei recriar momentos vivenciados em cada instante de captura das imagens, pois:

Toda e qualquer imagem, incluindo a fotográfica, *reapresenta* um aspecto da realidade, recria algo que foi o acontecimento que não volta mais [...] Ao reapresentar esse momento fugaz da vida, a fotografia o faz não pelo que foi, mas pelo que de realidade foi possível ou interessou a seu autor capturar e, nesse sentido, como imagem, recriar. (ZANELLA, 2013, p. 84)

Lançando mão desses dispositivos, busquei desenvolver a análise de possíveis conexões entre a educação formal e comunitária e os modos como esses processos educativos afetam a produção de subjetividades, operando por meio da transversalização entre o macro e o micropolítico que são os princípios da cartografia.

¹⁰Kastrup; Barros (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 78) esclarecem que: “O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não havendo nada antes dele, nada por debaixo dele [...] Um dispositivo comporta, ainda, linhas de força. Aqui se destaca a dimensão do poder-saber. Essas linhas levam as palavras e as coisas à luta incessante por sua afirmação. Elas operam “no vai-e-vem do ver ao dizer e inversamente, ativo como as flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras sem cessar de levá-las à batalha” (DELEUZE, 1990). Essas linhas passam por todos os pontos do dispositivo e nos levam a estar em *meio* a elas o tempo todo. Mas, um dispositivo também é composto de linhas de subjetivação, linhas que inventam modos de existir”.

Para essa análise, recorri às narrativas produzidas, operando a desmontagem do que é narrado, o que implica na desterritorialização dos acontecimentos registrados e no entendimento de que “[...] o caso individual é índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como *ethos* político, com ramificações do caso individual no plano imediatamente político”. (PASSOS; BARROS, 2015, p. 167)

Portanto, as narrativas constituíram agenciamentos de enunciação¹¹, ou seja, remetem ao coletivo como plano no qual o dito e o vivido de forma singular não pertence ao sujeito individualmente, mas são criados mediante fluxos múltiplos que produzem os discursos.

Não pretendi confrontar o majoritário com o minoritário, como se fossem espaços e modos históricos fechados e unitários, mas olhar sob a perspectiva transversal dos processos pelos quais se produzem subjetividades afetadas por diferentes discursos em territórios da educação comunitária e formal. Assim, o plano majoritário, nesta pesquisa, refere-se ao Movimento Sem Terra, não como unidade, mas como conjunto de práticas discursivas e não discursivas que orientam e circunstanciam relações com o minoritário, entendido aqui como o Assentamento Conquista da Fronteira, lugar que constitui múltiplos territórios, processos de subjetivação e agenciamentos, desenhando as existências dos sujeitos que neles passam a habitar.

Assim constitui o território Conquista da Fronteira, os “eus” e os outros que habitam as paisagens existenciais inventadas na composição do mapa que entrecruza as experiências vivenciadas com os sujeitos do Assentamento, a produção de memórias em torno de histórias passadas e presentes e os referenciais teóricos que recorri na análise, buscando responder aos objetivos da pesquisa.

Na análise, percebi que os discursos e as experiências vividas no MST aparecem como campo majoritário que se transversaliza com o plano minoritário das

¹¹ Segundo Passos; Barros (2015, p. 169): “Aqui cada caso mais do que ser um caso, é caso como-um, caso onde o um é menos unidade, individualidade, menos regra geral que homogeneiza os casos e mais o um-expressão, índice de qualquer um outro caso, aberto, portanto, a muitos num *continuum* de intensidades que compreende diferenças. Reverter o trabalho do caso tomando-o longe do padrão para dele tratar como próximo à alterização parece-nos oportunidade para processos de subjetivação mais autônomos e livres”.

experiências cotidianas na educação formal e educação comunitária, produzindo diferentes processos de subjetivação.

3 VIDAS COTIDIANAS NO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA

A vida comunitária no Assentamento Conquista da Fronteira se faz dos fazeres cotidianos, do acordar cedo, ir para o estábulo tirar leite, ir para a lavoura, carpir. O que acontece na vida cotidiana atravessa o modo de ser dos sujeitos. Certeau (2014) me ajuda a pensar as coisas do cotidiano quando se refere “[...] a arte de manipular ‘lugares-comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’”. (CERTEAU, 2014, p. 47-48)

É a vida como infinitas possibilidades de experimentar de diferentes modos o que nos acontece. Nas visitas que fiz à comunidade durante a pesquisa, pude experimentar desses fazeres cotidianos, criar memórias dos tempos de luta pela terra, da docência e da convivência com as famílias.

A razão de estar ali novamente não podia ser apenas mera coincidência, mas algo que foi construído através dos laços de afeto no cotidiano. E de nossas “invenções” agora nosso reencontro, território potente de devires. Múltiplos retornos movidos pelos laços de amizade, conversas que inspiram lembranças. Reviver os tantos “vividos” na convivência com as famílias, os aromas e sabores que experimentamos desde as lutas do MST.

Estive no Assentamento de 28 a 31 de janeiro de 2017, antes mesmo de iniciar a pesquisa, depois de ter recebido a visita de Cleiton, o jovem que foi meu aluno na Escola Quinze de Junho. Fabulei esse reencontro com a comunidade e, para esse momento, confeccionei um terno com tecido de cor natural, (figura 01) semelhante ao pano de saco. Na criação desse ritual, visualizava um despir-me do convencional, ou seja, do que se referisse à educação formal, pois eu queria estar lá como “visitante”, a ex-professora da escola em visita a seus amigos e amigas. O pano de saco, naquele momento significava isso: o retorno às coisas simples, da forma mais genuína possível.

Figura 01: A roupa de pano de saco

Fonte: Autora (2017)

Falo das alegrias do reencontro com o lugar, com as pessoas, das emoções que fizeram parte desse estradear cheio de inquietações que tiveram a culminância com abraços inteiros, troca de olhares, sorrisos e a experimentação de sabores na mesa farta e linda preparada por Nilva, a mãe de Cleiton que me aguardava. O pulsar das emoções conectado com as múltiplas lembranças das experiências vividas naquele lugar povoou aquela paisagem dando vazão às intensidades de sentimentos indizíveis, inenarráveis, coisas que foram possíveis apenas experimentar e sentir como o sabor dos alimentos à mesa que estavam a minha espera. (Figura 02):

Figura 02: A estética do sabor

Fonte: Autora (2017)

Nilva: mulher guerreira, líder comunitária que, mesmo com a morte de seu marido e grande companheiro Osmar, um homem dedicado à família e a

comunidade, não esmoreceu. Tive que engolir as lágrimas. Era impossível não sentir a sua presença, lembrar do seu jeito sereno, sempre sorrindo, da conversa boa, de momentos outros que ali estive com eles e pude desfrutar de sua presença amorosa com a esposa, filhos e de uma atenção singular com as “visitas”. Mas, enfim, agora estava em casa, hora de saborear cada instante como se fosse único ainda que povoado de lembranças de nossas memórias afetivas, o que me reporta agora o meu papel de cartógrafa como se refere Rolnik: (2014, p. 23)

Espera-se que o cartógrafo esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 2014, p. 23)

Nilva sempre traz em sua fala como fora a chegada das famílias na localidade e como foram semeando vida naquele lugar. E sempre me inclui quando diz que eu também lá estava com a equipe de apoio e o quanto os gestos de solidariedade do “pessoal de Bagé” quando se refere às lideranças pastorais da Igreja Católica. Sinto o entrelaçar das nossas histórias: não sou apenas eu que desejo ser incluída no processo, as próprias pessoas que ali estavam percebem meu envolvimento na vida da comunidade desde a chegada das famílias na região.

Durante o almoço continuamos a conversa sobre minha viagem e como ocorrera o quanto fora difícil chegar pelo fato de ter me perdido pelo caminho várias vezes. Fizemos a desmontagem no pensamento de todo o processo e Cleiton me fez compreender o que acontecera: “Tu vieste por outro caminho, melhor e mais perto. Deixaste a estrada principal, vieste pelo meio, pelo ‘atalho’”. Poxa vida! - Pensei. Se alguém me dissesse isso antes, eu jamais me animaria a andar por onde andei. O desconhecido nos absorve, quando não sabemos até mesmo que é desconhecido. Não tracei o mapa. Ele foi traçado no caminho, fui fazendo descobertas. Então, eu já estava criando o território da pesquisa e nem sabia! O que agora me fez lembrar a poesia de Paulo Bomfim, citada por José de Souza Martins (2017):

Sobre a estipe de papel/Apenas não somos os calculistas/Porém os calculados/Não somos os desenhistas/Mas os desenhados/
E muito menos escrevemos versos/E sim somos escritos. (MARTINS, 2017, *Apud* BOMFIM, 2000, p. 36)

Naqueles dias visitei algumas famílias, acompanhada por Cleiton. Passamos horas felizes com mate e conversa boa. Entre essas famílias visitei o professor

Nando, companheiro de luta na escola do campo. Coisa boa chegar em sua morada e encher os olhos com aquelas paisagens. (Figuras 03 e 04):

Figura 03: Paisagem I



Fonte: Autora (2017)

Figura 04: Paisagem II



Fonte: Autora (2017)

Mariana sua filha cuidando dos afazeres da casa o que incluía também tirar leite (figura 05). Sentir os sabores da minha infância não teve preço. Nessa experiência percebi que não é uma coisa muito fácil quando não se tem habilidade, mas desafiar-se faz a vida ser sentida e vivida com mais intensidade.

Figura 05: A experimentação



Fonte: Autora (2017)

Olhando para a vida do Assentamento, olho para a história, percebendo o quando foi importante essa trajetória. Entendo que a força dos movimentos sociais, sobretudo do MST, está nas lutas em defesa da vida e do direito a terra travadas por homens e mulheres em seus cotidianos. Impossível não lembrar Margarida, Rose e tantas outras que fizeram história e até derramaram seu sangue nessa luta. Essa força feminina as vezes silenciosa ou silenciada é a força da vida, a seiva que faz a vida brotar.

São as micropolíticas que acontecem no cotidiano dessas mulheres que vão ocupando espaço com seus fazeres, produzindo também resistência em meio às lutas do dia a dia.

No encontro com as mães dos ex-alunos entreguei a cada uma um “mimo” que era uma rosa perfumada. Desse modo queria expressar o meu carinho para com aquelas com quem muito aprendi naquele lugar durante o tempo que ali passei. E por que “presenteá-las” com rosas? Porque sempre carreguei na minha lembrança os jardins plantados e cuidados por elas. Jardins esses que enfeitam e perfumam suas moradas e por ter parte deles na minha própria casa. Poderia chamá-los de jardins itinerantes, por terem sido carregados através das mudas que as crianças levavam para a sua professora. Por isso fora tão significativo mostrar as roseiras para o Cleiton em minha casa quando ele me visitou. Elas fazem parte da nossa história. E ao desabrocharem na primavera muito me lembra do tempo da convivência no Assentamento.

Mulheres e flores, jardins, primavera, o desabrochar da vida em sonhos floridos, que mesmo em tempos sombrios de lutas no cotidiano forjam formas de expressar encanto e beleza. Sorrisos doces, abraços inteiros que criam e recriam laços de afeto. (Figuras 06 e 07):

Figura 06: Laços de afeto



Fonte: Autora (2017)

Figura 07: Abraços inteiros



Fonte: Autora (2017)

As mulheres assentadas produzem diferentes histórias no seio dos seus lares, semeiam e cultivam seus jardins e pomares, fazem pão e sabão no cotidiano de suas vivências, cuidam dos filhos, da terra, tiram leite e apascentam o gado. Mesmo na dureza do cotidiano não perdem o brilho no olhar, brilho da esperança de quem semeia e acredita nas alvoradas. Vislumbra-se como por encanto a beleza

singular em cada rosto em cada sorriso de quem caminhou por estradas empoeiradas embaixo do sol e amassando barro nos invernos rigorosos.

Mulheres, esposas, mães, filhas, irmãs, professoras que escrevem no cotidiano as suas histórias, atravessadas por múltiplos acontecimentos com suas rupturas e descontinuidades, produzem diferentes subjetividades.

Num processo de tantas construções rizomáticas, fazem do cotidiano a renovação da vida. São belas por si só, parecem renascer a cada dia, pois não param de sonhar e crer em dias melhores para si, para seus companheiros e filhos.

Em meio às agruras do cotidiano produzem-se devires mulher Sem Terra, carregando no ventre e no olhar as dores e as alegrias produzidas nesse viver e fazer da própria subjetividade. Entre o plantar e colher, o tempo de espera gestacional silencioso que requer paciência, perseverança e resistência.

O devir é sempre um ponto de partida, mas que não se sabe necessariamente onde vai chegar. O devir-animal, criança, mulher, são apenas os primeiros passos de uma dança sem coreografia. Troca-se um céu por um deserto que deve ser povoado. Há de se aprender a improvisar; uma arte dos encontros se faz a cada passo, criações contínuas serão exigidas em cada curva deste caminho. (LAURO; TRINDADE. 2019)

Inspirada em Deleuze (2012) penso as mulheres do Assentamento como devires flores e frutos contidos na semente que brota na terra, composição de diferentes estratos abertos aos intensos fluxos que penetram e transformam constantemente a própria vida em seus ciclos, no tempo do cio que emana das estações e luas.

Falando de um tempo histórico em que se constitui o território Conquista da Fronteira, penso nas mulheres assentadas, Nilva, Neuza, Neuzele, Jose, Ely, Olga, mulheres guerreiras que com seus fazeres, perfumes e sabores, constituem a estética da existência na história do MST. Algumas delas já não moram mais no lugar, mas deixaram o seu legado de pertencimento a história do Assentamento, tornando-se sujeitos potentes como referenciais na comunidade. Cito especificamente o caso de Ely e Olga que foram lideranças expressivas na comunidade escolar e na vida comunitária.

E na condição de cartógrafa segui traçando outras linhas desse mapa, através dos encontros com essas mulheres que já não moram mais no Assentamento, mas com quem tive fortes vivências durante o tempo da docência. Nesses reencontros foi

possível perceber o quanto ainda o que viveram no Assentamento afeta suas vidas. E no entrelaçar de nossas histórias sou também afetada: a convivência que tivemos em tempos outros que constituiu os laços de amizade, agora parece até mesmo mais forte, potente e ao mesmo tempo diferente, pois a vida nos levou por outros caminhos, compomos outras histórias e por isso já não somos mais as mesmas. O que carregamos em nós, dos vividos, das experimentações são as coisas que nos constituem e nos levam a perceber que em meio a tantos fluxos, brota o desejo de retornos aquele lugar cuja história atravessa nossas vidas.

Além das mulheres citadas trago também Leoni, que foi minha aluna e muito contribuiu nessa pesquisa através de nossas conversas. Atualmente mora em Bagé, constituiu família aqui. Tive a oportunidade de encontrá-la de forma inusitada na escola de minha filha onde também estudam seus filhos. Ter sido reconhecida por ela numa distância de mais de 15 anos sem vê-la foi algo emocionante. Minha ex-aluna com aquele mesmo olhar e encanto de quando era menina. Daquele abraço carregado de sentimentos indescritíveis resultaram numa visita dias mais tarde em sua casa. Chegando no lugar logo reconheci sua casa, encontrando ali desenhada a estética das moradas do assentamento: o jardim composto por uma diversidade de plantas e seus múltiplos perfumes. (Figura 08):

Figura 08: Leoni e eu



Fonte: Autora (2019)

Por ocasião do Natal de 2018, encontrei com Ely com quem pude ter também lindos momentos de boas conversas e lembranças de nossas vivências no Assentamento Conquista da Fronteira e de modo especial na escola Quinze de Junho. Em sua fala reportou-se as dificuldades daquele tempo, mas também a dos

fazer do cotidiano escolar ao qual já me remeti em outro momento quando referia-me ao processos da educação do campo, que nas suas características fundamentais vão além das estruturas precárias: o que a canção nos diz quando o aprendizado vai além do *bê-a-bá*.

E em meio a esse potente emaranhado de lembranças e meu desejo de tornar significativo tão esperado reencontro com aquela com quem muitas vezes dividi risos e lágrimas à mesa durante nossas refeições com pão, mel e afeto, num gesto de eterna gratidão entrego-lhe uma “mimo” em forma de lembrança selando mais um encontro de vida: o artigo apresentado em um evento acadêmico da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), em 2018 e uma caneca com nossa foto. (Figura 09 e 10):

Figura 09: O reencontro de vidas e histórias



Fonte: Autora (2018)

Figura 10: O presente



Fonte: Autora (2018)

Isso não se trata ao transpor para essa escrita uma forma de trabalhar com símbolos ou representações e sim com as memórias afetivas que constituem as

nossas histórias: nossos cafés e a partilha de sentimentos no cotidiano da escola e por isso as memórias afetivas com criação e invenção de territórios. Ver aquele rosto ser iluminado por um sorriso e aquela mulher afetada como eu por nossas lembranças tantas na composição daquele território ali inventado, criando múltiplas inspirações. Um gesto disparador dos fluxos que constituem essas territorializações. Reportamos às memórias daquele cotidiano: haviam problemas, haviam, haviam dificuldades, haviam, mas a forma de enfrentar os desafios daquele tempo é que fazia toda a diferença.

E minha pesquisa segue esse estradear dos inusitados, do encontros com essas mulheres em diferentes espaços geográficos com paisagens inventadas, povoadas por diferentes personagens. As redes sociais de certo modo nos ajudaram na realização desses encontros, pois ali também aconteceram ativação de nossas memórias através de nossos diálogos.

E em um desses momentos encontro com mais uma ex-aluna: Fabiane. Nosso encontro deu-se numa congregação religiosa. Durante a convenção é de costume pedirem o nome dos “visitantes” para que possa ser saudado publicamente pelos dirigentes, isso facilitou reconhecer-me, ela me disse no momento que nos vimos. Em meio aquelas pessoas vinha ao meu encontro aquela jovem cujo olhar parecia procurar o meu. Aqueles instantes me pareceram uma eternidade, a cada passo que a jovem dava em minha direção, ativava em mim as lembranças daquele olhar. Sim, era ela, só podia ser, eu pensava.

Quando nos aproximamos e aconteceu o abraço, eu já não tinha mais dúvida. Ela me olha e diz: “Quando escutei o teu nome, pensei: mas então, ela está aqui?” E aquele evento de fé cristã se fez território de meus devaneios filosóficos! Pouco resta da menina tímida que falava pouco. Ainda lembro do leve sorriso, do seu silêncio e de seus lindos desenhos, a forma com a qual melhor se expressava. O que me fazia lembrar de mim na escola que tinha na escrita minha arma de defesa e modo de mostrar o que sabia fazer. Fabiane terminava suas tarefas e logo após sempre deixava na minha mesa desenhos lindos inclusive um que guardo até hoje (figura 11): a figura de uma menina de tranças num balanço que ela dizia ser a minha filha que eu ainda carregava no ventre.

Figura 11: O desenho



Fonte: Autora (2002)

O desenho e a foto do encontro traduzem um pouco do muito dessas relações de afeto entre professora e alunos/as: um modo de descrever o quanto participavam ativamente da minha vida pessoal desde aquele tempo. Um verdadeiro semear de afeições que resultam na farta colheita do agora em momentos como esse.

Embora já não more mais no assentamento, Fabiane traz em sua fala o que aquele lugar representa para a sua história de vida. É lá no seio da família para onde retorna sempre e encontra força e energia para o seu caminhar revendo seus familiares e amigos. Coisas também que são evidenciadas em seus registros fotográficos que cedeu para esse trabalho. (Figura 12):

Figura 12: Olhares sobre as paisagens



Fonte: Autora (2017)

Isso faz cada vez mais com que eu sinta-me comprometida com o que escrevo, pois falo das vivências dos outros e das coisas que os afetam. Sou afetada

por esses olhares por me identificar com eles e por ver através deles os cenários que fazem parte do território existencial dessas pessoas que como eu fizeram história nesse lugar. O entrelaçar de nossas vivências foram constituindo essa trama de fios invisíveis para essa composição. De fato, as imagens falam por si, pela criação de visibilidade de devires nesses cenários. O devir-mulher: aqui o devir-Fabiane, que se mistura com a paisagem. Desse modo parece entrar em ressonância com o que a cerca, como um bailar do improvisado, possibilitando o devir alguma coisa. Nada menos que afectos produzidos por retornos. Segundo Deleuze (2011), retornar possibilita esse jogo de forças que ativam os dispositivos da memória e nesse caso, memórias afetivas.

Assim acontece nos reencontros com pessoas e lugares. Esse buscar na fonte de nossas subjetividades as coisas que nos constituíram e que escapam da visão linear e cronológica, nos fazem alçar voos que nos levam além do que havíamos pensado em fazer. E nas simples coisas do cotidiano encontramos elementos que nos ajudam a pensar e criar uma estética da existência. Como diz Ely quando a lembro dos nossos almoços com pão e mel: “Eu nunca imaginei que um dia eu fosse dar tanta importância para as lembranças e recordações. Hoje elas são muito importantes. Me ajudam a carregar o fardo da vida. São os amigos como você que nos fazem lembrar momentos como esse que nos motivam a viver.” O que continuar dizendo depois de tudo isso? Um simples pão com mel produzindo devires.

3.1 (Re)encontro com Frei Sérgio

Frei Sérgio mora no Assentamento há dez anos e atua como liderança religiosa na comunidade. Atualmente é ativista do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e desenvolve um projeto vinculado à Igreja Católica de preservação de sementes crioulas e produção de mudas no Assentamento. É autor dos livros: “O massacre de Santa Elmira”, “Uma foice longe da terra” e “Trincheiras da resistência camponesa sob o pacto de poder do agronegócio”

Figura 13: Frei Sérgio Görgen



Fonte: Autora (2017)

Um velho “companheiro de caminhada” em tempos das lutas no MST. Tempos em que eu e tantos outros numa carroceria de caminhão, usando um megafone a pilha, apoiávamos às famílias que chegavam a nossa região depois de uma árdua trajetória de luta.

Quando cheguei para a visita, Frei Sérgio estava acomodado numa cadeira na varanda, com ar de quem aguardava a minha chegada. Sorriso acolhedor, aperto de mão cordial e um: “Boa noite, professora”! Já se fazia entardecer. Nossa conversa aconteceu num belo cenário. A casa simples, construída nos métodos de permacultura com paredes de barro e telhado de palha e rodeada de plantas medicinais, árvores e flores, ao som dos grilos, sapos e pirilampos, uma sinfonia musical perfeita da natureza.

Uma conversa nada linear, que enredou nossas lembranças. Falamos da terra, de homens e mulheres que fizeram história no MST e no Assentamento. Minhas memórias se misturaram as do Frei Sérgio enquanto saboreava o mate e a bolacha oferecidos gentilmente por ele.

Narrei minhas experiências na chegada das famílias nessa região, o que sabia dos primeiros conflitos, as impressões que me causavam. Fazenda Anoni, Encruzilhada Natalino, o primeiro encontro como as lideranças do MST e militância na luta pela terra. Frei Sérgio começa seu relato a partir da minha pergunta: “Como e por que o senhor envolveu-se com tudo isso”?

Senti que Frei Sérgio deixou-se afetar pelas emoções ao reafirmar sua identificação com as lutas pela terra. Falou da infância, dos acontecimentos que o fizeram assumir a identidade de “colono”, como ele mesmo disse. O gosto por andar

a vontade, pés descalços, quando muito usar tênis. Nunca gostou de sapatos: “Nem quando fui deputado”! – afirmou num sorriso.

Disse ser natural de Não-Me-Toque, município do Rio Grande do Sul, seu pai descendente de alemães e a mãe descendente de italianos, oito irmãos sendo ele o mais velho. Falou de sua vida, da infância do seu trabalho na terra de seu pai, sua primeira professora e mais tarde o colégio interno na cidade. Teve duras experiências em sua vida estudantil, mas que, segundo ele, serviram para que descobrisse sua “vocação”: “defender a causa dos menos favorecidos da sociedade”. Percebi o quanto as marcas profundas dessas experiências nos aproximavam, fazendo com que reafirmássemos nossa identificação com a causa do MST no modo como produzimos e compartilhamos memórias naquela conversa.

Segundo Frei Sérgio, a história do Assentamento Conquista da Fronteira iniciou com a resistência de famílias que desalojadas da região norte do Estado do Rio Grande do Sul organizaram-se para obter do governo estadual o direito a terra sem sair do território gaúcho. Sendo assim, foi através da luta dos movimentos sociais de trabalhadores da terra que se constituiu o Assentamento. Em seu contexto próprio, porém, o Assentamento Conquista da Fronteira é resultado da luta do acampamento que sofreu o Massacre na Fazenda Santa Elmira, no município de Salto do Jacuí, em março de 1989.

Frei Sérgio ressaltou em sua fala o papel que as lideranças do MST ocupavam na condução da luta para a conquista dos assentamentos. Ele conta que um episódio marcante das lutas agrárias no RS ocorreu em 1978, no conflito entre agricultores que haviam ocupado as terras indígenas *kaingangs* em Nonoai e foram expulsos. A política adotada pelo governador do Estado Amaral de Souza foi oferecer terras no Mato Grosso. Uma parte das famílias dos agricultores foi assentada nessas terras e a outra foi alojada no Parque Assis Brasil, em Esteio, enquanto aguardava a ida para a mesma região.

No entanto, o período em que permaneceram alojados no Parque gerou resistência à política do governo, levando esses agricultores a se negarem sair do Rio Grande do Sul. Como disse o sujeito entrevistado, a fala dos agricultores foi: “Somos gaúchos, queremos terra no Rio Grande” e “lugar de gaúcho é no Rio Grande”. Diante da resistência, o governo da época resolveu assentar parte do grupo em Bagé, na localidade que hoje corresponde ao município Hulha Negra, formando a Colônia Nova Esperança.

Outra parte do grupo ficou vagando pelo norte do Estado e alguns foram assentados em Ronda Alta sob a liderança do Padre Arnildo Fritzen, membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT), na Fazenda Macali. E outros ocuparam a Fazenda Brilhante, ambas remanescentes da Fazenda Sarandi, que foi desapropriada em 1961 pelo governador Leonel Brizola para assentamento da Reforma Agrária. Brizola fez alguns assentamentos, porém quando Meneguetti assume o governo, não completa os assentamentos e ficaram fazenda Macali e fazenda Brilhante que foram arrendadas para empresas que produziam sementes.

Essas fazendas localizadas no município de Ronda Alta, norte do Estado, foram ocupadas por agricultores que foram assentados pelo governo em setembro do ano de 1979. Duas vitórias importantes que Görden chama de proto-fundamento do MST. Sendo que o MST foi criado somente em 1984.

Em 1980 começaram a chegar outros agricultores querendo ocupar a fazenda Brilhante. Os agricultores já assentados impediram dizendo: “Aqui vocês não podem mais entrar, pois já está ocupada”. E os agricultores foram se aglomerando na beira da estrada, em frente à fazenda Brilhante formando a Encruzilhada Natalino. O local tem este nome porque lá antigamente residiu alguém com o nome de Natalino. E o primeiro acampado se chamava Natálio e o acampamento foi feito no dia 25 de dezembro, dia de Natal. Natalino, Natálio, no Natal. Muita coincidência. Era mesmo para nascer algo novo” (risos), comentou Frei Sérgio.

Depois da longa conversa, entramos na casa. O frade resolveu presentear-me com alguns livros, desde receitas de ervas medicinais, hinários de cantos da comunidade religiosa e o seu recente trabalho: “Nas trincheiras das lutas camponesas” que me serviu como fonte de pesquisa para essa escrita.

Voltei para casa, percorrendo aquelas estradas e pensando em tudo que vivera naquelas quase quatro horas de conversa, pensei inclusive na minha história, de como me constitui naquele lugar. As posições que ocupei e ocupo em diferentes momentos dessa trajetória. Sou também personagem dessas paisagens que estão sendo povoadas. Nossas histórias se entrelaçam. Sua narrativa produz em mim afecções Minha mente é povoada por lembranças daquele tempo. Tempo de luta para as famílias assentadas naquele lugar quanto à infraestrutura para que pudessem ter vida e vida com dignidade: estradas, iluminação pública e escola para seus filhos. Ainda na memória vêm lembranças das dificuldades de tráfego da estrada principal (figura 14): o caminho para a Conquista.

Figura 14: Os primeiros tempos



Fonte: Autora (1989)

Da estrada intransitável de 1989, só os registros fotográficos, em virtude da luta dos agricultores nesses trinta anos de história.

E a comunidade se organiza e luta por dias melhores, casas são construídas, assim como também a escola. E a estrada? A estrada também já não é mais a mesma. Percebo isso no meu retorno depois de dez anos: novos assentamentos povoam a região, modificando assim o espaço geográfico. (Figura 15):

Figura 15: Os novos caminhos



Fonte: Autora (2017)

Então me ponho a pensar nas múltiplas transformações através dos tantos acontecimentos nesses trinta anos de história que segue seus fluxos produzindo

devires em meio as lutas do cotidiano. Em tempos muitas vezes duros e difíceis de semear. Porém o que se pode chamar de resistência constitui a vida dessas famílias.

Devires que de certo modo também são meus quando olho para tudo isso e percebo as mudanças que vão além das questões geográficas. Penso nas mudanças de condições de vida das pessoas, através de suas conquistas. E o quanto tais mudanças produziram impacto na região da fronteira gaúcha.

Figura 16: A estrada I



Fonte: Autora (2007)

Figura 17: A estrada II



Fonte: Autora (2018)

As imagens retratam dois momentos e tempos diferentes: o nascer e o pôr do sol na Conquista da Fronteira. Esse é o caminho da escola, da COOPERAL e de algumas moradias. Essas imagens são inspiradoras para as minhas fabulações nesta análise, pois através delas, produzo as minhas memórias de inserção numa história vivida e sentida através de tantas experimentações que envolveram todos os

meus sentidos, sobretudo os afetos vividos com meus alunos, suas famílias, lideranças da comunidade, e meus/minhas colegas professores/as e ainda permeados pela experiência pastoral que legitimou a primeira convivência com essas famílias, nesse lugar, há 30 anos atrás. E por isso considero importante trazer para essa escrita esses acontecimentos, o que poderia chamar (parafraseando Frei Sérgio) também de proto-fundamento da minha história com a vida comunitária e escolar do Assentamento Conquista da Fronteira.

Esses momentos foram de grande significado para a mim. A cada encontro com as pessoas da comunidade, um momento de produzir memórias afetivas. Aí estamos nós: Eu e Seu Sebastião (figura 18) depois de uma prosa sobre nossas lembranças, na sede da Cooperativa dos Assentados. Hoje já não está mais entre nós, mas aí nesse lugar fizemos esse registro sem pensar que seria o último. De momentos como esse não ficam apenas lembranças, pois as vivências nos atravessam, fazendo a composição desses territórios no pensamento. Lembrar de quem fez história nesse lugar na simplicidade do cotidiano deixando seu legado através de sua história de vida passa a fazer parte desse trabalho cartográfico que foi se deparando com os inusitados também das ausências e partidas.

Figura 18: Eu e Seu Sebastião



Fonte: Autora (2017)

Figura 19: Visita à sede



Fonte: Autora (2017)

3.2 A Pastoral e a religiosidade no MST

Cenário de arte que retrata um pouco da história desse lugar. Seu Sebastião e eu lembrando de quando nos conhecemos ainda no tempo da luta, na constituição do Assentamento, através dos encontros das lideranças nos comitês de apoio às famílias recentemente assentadas na região. São memórias de vida e de esperança. De vida que não cansa de estradar o que trás à lembrança cantos entoados nas caminhadas e romarias. Territórios significativos de vivências da mística do MST expressado nos quadros desse cenário que estamos. A lembrança do cantar a esperança em refrões como esse: “Quero entoar um canto novo de alegria/Ao raiar daquele dia/De chegada em nosso chão/ Com meu povo celebrar a alvorada/ Minha gente libertada/Lutar não foi em vão.”

As canções também suscitam lembranças das vivências como se fossem trilha sonora desses territórios, tão presentes nesses eventos celebrativos das lutas sociais. Reportar-me a eles, também foi um modo de buscar elementos para a pesquisa, pois o vínculo com as pastorais sociais foi um forte canal de apoio as lutas dos movimentos sociais e nesse caso aqui das lutas do MST.

Trago aqui as memórias dos tempos de atuação na Pastoral da Juventude (PJ) e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), movimentos sociais da época ligados a Igreja Católica. Mais precisamente o Dia Nacional da Juventude acontecido em outubro de 1989 quando participei de um encontro com os jovens no Assentamento Conquista da Fronteira, momento em que as famílias ainda estavam em processo de organização.

Entre os temas de reflexão, discutia-se a educação formal embasada na linha filosófica de Paulo Freire, que meses antes havia estado pessoalmente no local, atuando na formação pedagógica e política das lideranças e dos educadores/as das escolas dos assentamentos nessa região.

A condição de pesquisadora me leva a problematizar os discursos que proferimos. Percebo que nossas lembranças remetem a um tempo em que as lideranças do MST atuavam como intelectuais orgânicos, ou seja, intelectuais que tinham um engajamento social à medida que o conhecimento científico e filosófico conectava-se a uma ação política a favor das “classes oprimidas pelo sistema capitalista” (GRAMSCI, *apud* SEMERARO, 2006).

As igrejas de visão progressista viam-se como missionárias, anunciantes dessa “boa nova”. Na igreja católica, especificamente, vivia-se o auge dos ideais da Teologia da Libertação. A atenção do clero voltada para os jovens que poderiam ser os sujeitos construtores da “nova sociedade”. Como dito na canção entoada nas Romarias da Terra: “A nossa luta é na roça e na cidade/Pra construir uma nova sociedade”.

E na busca de entender os entrelaçamentos da Igreja Católica com o MST na atualidade me propus a participar da Romaria da Terra na sua 42ª edição. Momento forte de integração Ecumênica da Igreja com os movimentos sociais e de modo específico com os movimentos relacionados com as questões da terra. Esse ano com o tema, “alimentação saudável, identidade, resistência e direitos”.

Depois de 20 anos, decido refazer esse caminho. Encontro com velhos “companheiros de caminhada” já foi logo na chegada, no ponto de referência de onde partiria o ônibus que nos levaria a Itacurubi, o pequeno município da Diocese de Uruguaiana onde se realizaria o evento.

Fui recebida de forma calorosa e afetiva pelo grupo e de modo especial pelos velhos/as “companheiros/as”. Quando cheguei fiquei olhando para o contexto e pensando que assim como aquelas pessoas eu também não era a mesma. Curiosa ao ser recebida de forma alegre e afetiva pelo pároco da igreja que na saudação me pergunta: “Lembra de mim”? Nossa! Como esquecer um velho amigo com quem compartilhei tantos anseios naquela época? Um abraço afetuoso confirma o meu: “Mas é claro que sim”! E ele foi logo nomeando as pessoas que viajariam conosco também minhas velhas conhecidas, pessoas com quem partilhei muita coisa naquele

tempo. Deixei-me levar de alma leve ao encontro de cada uma através de abraços inteiros que expressavam que em cada uma havia algo ainda de mim.

E assim seguimos viagem noite adentro compartilhando as vivências carregadas de memórias afetivas de um tempo em que fazíamos aquele estradejar. Só pelo amanhecer para chegar ao lugar onde aconteceria o evento. Um dos sentimentos que me habitava era a tranquilidade. Agora eu era apenas uma pesquisadora entre os passageiros sem o peso de outrora, o peso do compromisso com a organização daquela viagem e até mesmo do evento como fora tantas vezes. Assumia a condição de sujeito que olharia para o acontecimento como território de pesquisa, mas muito envolvida no processo por este ser povoado de lembranças daquele tempo que esse evento me constituía e também pelas afecções que foram permeando cada instante.

Lembrei-me da primeira romaria que participei no ano de 1988. Que coisa! Senti-me lá de certa forma. Lembro que ali acontecia o despertar do que chamávamos de “consciência” do lugar que ocupávamos na sociedade. A chamada consciência de classe. De que lado estávamos? Do lado dos fracos e oprimidos daquele tempo. Vem-me na memória mais um dos cantos entoados nesses momentos: Somos gente nova vivendo a união somos povo semente da nova nação, somos comunidade, povo do Senhor ê, ê, ê...

O dia estava amanhecendo quando chegamos à cidade. Para mim uma terra estranha, pois nunca viajara antes para aquela região do Estado. Até dias atrás nem sabia que existia um município chamado Itacurubi. A chegada das caravanas de todo o Estado e logo o lugar povoado de participantes. (Figura 20):

Figura 20: A chegada dos romeiros



Fonte: Autora (2019)

A acolhida através dos coordenadores que estavam num palanque e o convite para um café. Mesa farta de pão que fora preparada pelas mãos das mulheres assentadas do lugar. Antes de provar qualquer coisa fiquei a observar a estética do ambiente e o movimento das pessoas no seu entorno. Lindo de viver essas coisas! Lembrava sim, do Assentamento Conquista da Fronteira e de momentos com algumas características daquele que agora estava vivendo. Pensei no esforço coletivo e trabalho para a composição daquela mesa que agora alimentava a multidão, com certeza uma inspiração dos acontecimentos da Bíblia aquele repartir de alimentos. Enquanto isso lá fora os animadores saudavam as caravanas com palavras de ordem e cantos.

Durante a preparação para o início da caminhada o gesto simbólico de segurar a mão do companheiro da direita e da esquerda e lhes dizer palavras encorajadoras para a caminhada. Para a minha surpresa me vi segurando a mão de um senhor pai de alunos da Conquista da Fronteira que se encontrava no evento ao lado de sua esposa. Essas coisas inusitadas que sempre me encantam e já me fazem criar um acontecimento. O que poderia ser apenas um gesto para mim ali acontecia algo novo, produzido pela conexão do meu imaginário. O “conto contigo na missão” foi mais do que um gesto da mística do evento, mas a realização de mais um encontro de vida através do caloroso abraço a seu Kico e Dona Preta que me reconheceram já me convidando para lhes fazer uma visita. A política desse gestos pra lá de poéticos é aquele fio condutor que constitui as razões que potencializam o meu compromisso com essa escrita (dissertação), pois ela traz elementos inerentes das histórias de vida de pessoas com quem até hoje tenho laços de afetividade pelo reconhecimento mútuo do que foram as nossas vivências.

A Pastoral da Juventude sempre marcou presença nesse evento como forma de ocupar o seu espaço na inserção pelas causas sociais. Com sua bandeira hasteada (figura 21) os jovens participam da acolhida e da animação do evento, desse modo fazendo história nas romarias da terra.

Figura 21: A bandeira da PJ



Fonte: Autora (2019)

Mais uma vez eu estava entre eles agora com outro olhar. Uma nova geração se fazia presente, numa nova configuração. Alguns cânticos ainda são os mesmos, mas a geração e anseios são outros, assim como também deve ser as motivações que os levam a participar do evento. Isso me fez pensar na caminhada que o próprio enfoque do evento é diferente: outros processos sociais estão em pauta. Diante dos novos desafios o evento em si, também assume outra configuração. Da luta pela terra, hoje a defesa dela, através das reflexões sobre agroecologia e alimentação saudável e a luta contra o uso de agrotóxicos e defesa das sementes crioulas.

Novamente a produção de memórias dos “tempos idos” como assim como chamamos o tempo de nossa atuação lá pelos anos 90. Entre os participantes um jovem com a camiseta que dizia PJ. Aproximei-me e disse-lhe: “Um dia eu fiz parte disso aí.” Ele riu e nos abraçamos. Para a minha surpresa quando perguntei de onde ele era, disse-me: “Sou de Bagé”. Então me identifiquei: “Eu sou Clarice, fui liberada da PJ nos anos 90”. E o menino me diz: “Eu nasci em 90”. Rimos da situação e mais um motivo para celebrar acontece e é claro que não faltou o registro com foto. Seus anseios com certeza devem ser outros, a forma de organização também, mas ali estavam presentes fazendo parte daquela história. Afoitos, engajados, comprometidos com a causa agora com ênfase as questões ecológicas, de cuidado com a Mãe Terra como várias vezes foi citado nos discursos proferidos durante a caminhada.

E lá estávamos nós: duas gerações unidas pelas pontas do afeto. Lembranças povoam minha mente de um tempo que tinha como propósito: que os pés nunca cansassem de caminhar pelos jovens.

A seguir o anúncio do início da “caminhada”. O Bispo da Igreja Católica Dom José convidou o “povo para entrar na terra prometida”, simbolizada no Assentamento Conquista da Luta, e solicitou puséssemos as mãos no chão como um gesto de reverência a Mãe Terra. Cantamos: *Romaria da Terra/Faz o povo reunir/Numa luta sem guerra/Nós lutaremos por ti*. E assim segue a marcha de homens e mulheres com cantos e palavras de ordem. (Figura 22):

Figura 22: A caminhada dos romeiros



Fonte: Autora (2019)

Na entrada do assentamento uma fonte natural jorrando água cristalina, um convite para a experimentação como eu mesma fiz ao molhar as minhas mãos, num gesto de reverência. Ato que mereceu um registro gentilmente feito por um dos companheiros caminhantes, na entrada do Assentamento Conquista da Luta. (figura 23) Essa experimentação me fez pensar tantas coisas. Entre elas o que me levaria estar naquele lugar que se tornava um território potente para a recriação de minhas memórias: a história dos trabalhadores lutando pela terra. Entrar no Assentamento Conquista da Luta naquelas circunstâncias me fez lembrar os meus vividos como integrante dos movimentos sociais, através da Pastoral da Juventude. O refrão de uma canção me vem na lembrança: *“Quero entoar um canto novo de alegria/ ao raiar daquele dia de chegada em nosso chão/ Com meu povo celebrar a alvorada/ minha gente libertada, lutar não foi em vão”*.

Figura 23: gesto simbólico



Fonte: Autora (2019)

Ali foi o lugar que serviu de espaço geográfico para a composição de territórios existenciais. As paisagens foram tomando forma à medida que o povo se pôs a caminho. Parei algumas vezes para fazer registros e ouvir o os caminhantes. Cada um com suas histórias e motivações para estarem ali. Diferente de outros anos, ao longo da caminhada, compunha-se cenários de denúncias e anúncios, convidando as pessoas à reflexão. Dos cenários que foram aparecendo inusitadamente no caminho, uma parada para um olhar. O meu de pesquisadora: foi no sentido de perceber a narrativa ali expressa, o discurso de cada cena produzida de forma criativa através da arte de performances. Corpos jogados na lama que retratavam a tragédia de Brumadinho¹² e outras situações de mortes causadas pelo uso de agrotóxicos e envenenamento dos alimentos.

¹² Episódio ocorrido em 25 de janeiro de 2019, na cidade de Brumadinho (MG), onde o rompimento de uma barragem de mineração causou muitas mortes.

Figura 24: Tragédia de Brumadinho I



Fonte: Autora (2019)

Figura 25: Tragédia de Brumadinho II



Fonte: Autora (2019)

Figura 26: Modelo agrícola excludente



Fonte: Autora (2019)

Figura 27: O uso dos agrotóxicos



Fonte: Autora (2019)

Segue a marcha, aproximando-se do lugar de culminância do evento: cansaço, suor e ao mesmo tempo entusiasmo nos rostos a cada reencontro com velhos companheiros de histórias, saudações e sorrisos, umas das fortes características do evento.

Figura 28: A marcha



Fonte: Autora (2019)

A chegada ao local onde aconteceria a celebração e os pronunciamentos foi com cantos de animação seguidos do convite de Dom José Mário para o momento de pedir perdão pelos ataques a Mãe Terra.

No discurso do bispo que celebrou a Missa da Romaria se metamorfoseia a passagem bíblica da condução do povo judeu por Moisés à terra prometida com a caminhada feita pelos romeiros/as, evidenciando a urgência da defesa da terra como

casa de todos. A preservação ambiental, um retorno às práticas de cultivo e extração natural das comunidades tradicionais como as indígenas.

Ficou claro nesta romaria que à luta pela terra assume novo sentido, pois não basta garantir a posse, é preciso firmar uma vida saudável, a agroecologia e a agricultura familiar, como estratégias de resistência ao modelo do agronegócio.

Desse modo, a Igreja nomeia-se condutora da luta pela vida da comunidade, norteadas pelo poder pastoral¹³. Pude perceber, através dos discursos proferidos na Romaria da Terra durante a caminhada, a mística voltada para essa problemática: a denúncia do uso dos agrotóxicos como sinais de morte e a agricultura familiar e a agroecologia como sinais de vida. A terra como um bem maior, casa de todos que precisa ser amada e cuidada. Discursos proferidos e vividos nas comunidades assentadas.

¹³ O poder pastoral se forma com o cristianismo a partir da tradição hebraica constituindo-se numa prática de condução efetuada sob a responsabilidade do pastor a quem cabe reunir o seu rebanho e conduzi-lo em direção a uma vida celestial em que o sujeito renuncia a si mesmo para a purificação de sua alma. (CASTRO, 2016, p. *apud* FOUCAULT, 2006)

4 TERRA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA

Traço aqui memórias de experiências dos tempos que vivi a docência na Escola Quinze de Junho (figura 29 e 30), no Assentamento Conquista da Fronteira (Hulha Negra, RS). Experiências que multiplicaram a convivência com as famílias assentadas.

Figura 29: A escola



Fonte: Autora (2017)

Figura 30: A escola e eu



Fonte: Autora (2017)

Era mês de maio de 2000 eu havia sido nomeada no concurso público do Magistério Estadual cuja designação era para a Escola Quinze de Junho. Poder voltar aquele lugar conquistado pelas famílias engajadas nas lutas do MST, era para mim um novo desafio que assumi com muito entusiasmo e alegria. Havia me preparado para isso, sabia das dificuldades que enfrentaria, a distância e o tempo

que ficaria longe de casa, mas mesmo assim acreditava que aquela experiência seria incrível! Carregava na minha bagagem sonhos e esperanças, desejando viver com intensidade aquele novo tempo.

Fui recebida pela diretora. Abraços inteiros e sorrisos calorosos sempre me cativaram nessas andanças e aquele momento não era diferente. Já conhecia aquela mulher de alguns eventos. Admirava enormemente sua posição como educadora. Agora eu iria trabalhar com ela. Não sei descrever os muitos sentimentos que se misturavam dentro de mim. Senti que tudo que viveria ali, com certeza valeria a pena. Eu havia deixado minha casa, minha família, minhas coisas, sabendo que teria que passar toda a semana naquele lugar, mas isso para mim não era problema, pois estava feliz com a nova conquista: agora era professora concursada, o que despertava certa ansiedade em virtude do compromisso que estava assumindo. Não era mais aquela jovem que gritava palavras de ordem nas caminhadas junto aos trabalhadores na luta pela terra, mas a educadora que desejava colocar em prática os ideais que constituíram sua relação com as causas sociais: a educação popular como menina dos olhos.

Lembro que em meio a minha fala/discurso de jovem aprendiz, com um megafone a pilha na mão, lá em 1989, anunciando o desejo de retorno na condição de professora, pois já sentia um profundo amor pela educação e pela escola do campo. E agora ali estava de certo modo cumprindo uma promessa.

Talvez o fato de ter sido uma criança cuja possibilidade de educação escola se deu somente na juventude, mas que foi suprida pela educação familiar na infância, impulsionava o desejo de fazer acontecer à aprendizagem daquelas crianças.

Na conversa com a diretora, soube que assumiria a 1ª série (hoje, denominado primeiro ano do Ensino Fundamental). Confesso que fiquei tensa. Estava afastada da docência com as séries iniciais desde 1997. E sempre considerei a alfabetização um grande desafio. Fui apresentada para um grupo de dez crianças que ali estavam naquela sala de aula com seus olhinhos curiosos e eu carregada de inquietações tamanhas. Sabia do meu compromisso. Estava ali diante de meninos e meninas que não eram nem nascidos naquela época em que estive na comunidade pela primeira vez.

Não me lembro muito bem desse nosso começo, mas sei que no diário escrevia sempre “Rodinha” que significava “roda de conversa”. Eu tinha algumas

coisas para ensinar outras para aprender. Tratei logo de ler os cadernos de educação do movimento e aprender a cantar o hino do MST. E assim começávamos as nossas atividades: “Vem lutemos, punho erguido, nossa força nos leva edificar nossa pátria livre e forte construída pelo poder popular”.

Procurava trabalhar de acordo com as vivências das crianças e, por isso, compartilhava na sala de aula cenas do cotidiano, da vida comunitária. A canção que cantávamos pelas ruas junto ao mutirão dos trabalhadores na luta por escola nos acampamentos e assentamentos, agora virava a trilha sonora de meu fazer pedagógico naquele lugar: “Tem que estar fora de moda criança fora da escola/ Pois há tempo não vigora o direito de aprender/Criança e adolescente e uma educação decente/ Para um novo jeito de ser.”

Esse processo durou dois anos: pude ainda acompanhá-los no ano seguinte. Tempo que foi possível construir mais do que um ensinar e aprender, um entrelaçar de vidas que desenhavam territórios de afetos!

Assim construí minha história no cotidiano da escola do Assentamento, sem perder a ternura e nem o embelezamento do espaço da sala de aula, território de aprendizados além do ler, escrever e contar, como diz a letra da música: “*Se o aprendizado for além do bê – a – bá todo o menino vai poder ser cidadão.*”

No final do ano criamos nossa árvore de Natal, onde penduramos enfeites e sonhos. Os olhos brilhantes das crianças no dia da troca de presentes me encantavam. Juntos saboreamos o bolo recheado e o guaraná gelado. Eram os sabores misturando-se aos afetos. Assim concluímos o ano letivo, no dia 22 de dezembro de 2000.

No ano seguinte, sentia-me mais segura e preparada para aquele retorno. Pensei o melhor para acolher os alunos. Soube mais tarde da perspectiva de um deles. Minha colega contou-me chegando à escola que sua filha a noite ansiosa sem conseguir dormir dizia: “Por que já não é dia”? Isso só aumentara a responsabilidade da professora. Tinha que ser e fazer o melhor: era muito amor envolvido.

Em junho de 2002, assumi novas turmas e vivi momentos de intensos afetos. O retorno em 2003, após a licença gestante foi breve, porém significativo. Eles sabiam que agora eu iria mesmo partir. Lembro-me de algumas cartas que recebi durante a aula. Muitas dessas cartas ainda guardo comigo. Entre elas, algumas que pediam pela minha permanência na escola. Não pude permanecer, mas muito daquele lugar, daquelas pessoas, dos seus fazeres carreguei comigo. Falo dos

múltiplos aprendizados: da convivência com os alunos aos fazeres com as mulheres desde o pão, o sabão, e plantios, do pegar na enxada para preparar a terra, das estações e luas. E a cada um desses fazeres lembro ainda das pessoas com quem e como aprendi.

As conversas com a professora Ely, nossa diretora, durante os almoços em que conversávamos sobre as nossas histórias, nossas vivências como professoras. Gostava de ouvi-la falar de suas experiências na trajetória docente, Na véspera da minha partida lhe escrevi uma carta. Era muita coisa pra dizer, não iria conseguir na hora da despedida sem chorar. A prova disso foram as manchas no papel durante a escrita a noite, às vésperas da partida, quando citei entre tantas outras coisas os nossos almoços com pão e mel. E até hoje quando repito essa prática lembro-me de nós. Comer pão com mel tornou-se para mim, um modo de visibilidade de conquistas além da Conquista da Fronteira. Momentos como esse permaneceram vivos na minha memória de forma tão potente e por isso provocadores dos desejos de retornos.

Encontros marcados pela ética da doçura, do amor e dos devires que permeou e permeia as relações vividas com esses sujeitos. Como não afetarmos e sermos afetados por coisas que nos causam tanto impacto? “Sabe aquele choque”? Como diz Frei Sérgio em uma entrevista referindo-se a primeira vez que entrou em um barraco de lona. Assim também aconteceu comigo nos primeiros encontros com as famílias, ouvindo suas histórias da trajetória da luta pela terra em seus diferentes momentos e, de modo especial e singular, as vivências com as crianças que foram minhas alunas. Os bilhetes carinhosos que recebia na sala de aula, que eram deixados em cima da mesa naqueles dias de provável despedida registravam pedidos tais como: “Eu gostaria que você ficasse um pouco mais”. Com o bilhete um olhar a espera de uma reação. O embaraçado sorriso que denunciava emoção e prenúncio de saudade e partida. Constituída desse modo a ética da doçura:

Dupla afirmação em um movimento no qual a mudança de sentido muda tudo. Se dá arrepios só de pensar, imagina então viver! Aproximar ou apartar, aconchegar ou afastar, acercar ou afugentar por nossa própria conta e risco – este é o aprendizado necessário para fazer o prazer durar. (LAURO; TRINDADE, 2019)

Falando de amor e de devires, semeava ali a possibilidade dos retornos no porvir. E quando falo em devires, acredito vivê-los nesta pesquisa: experimentações que atravessam caminhos, ora inventados, ora criados pelos inusitados encontros.

O que começou com uma visita do aluno dos anos iniciais da escolita de campo (expressão que aparece na letra da música Exaltação aos Mestres), possibilitou muitas outras vivências e essas se tornaram campo fértil para essa pesquisa.

Figura 31: Eu, ele e as roseiras



Fonte Autora: (2017)

Figura 32: Ele, eu e as laranjeiras



Fonte Autora: (2017)

Figura 33: O presente para a professora



Fonte Autora: (2017)

Figura 34: O reencontro



Fonte: Autora (2017)

O afeto sempre permeou nossos dias no cotidiano escolar de modo que transpassaram as cercas da escola nos acompanhando ao longo de nossas histórias, mesmo por diferentes caminhos. Emoções que fomos vivendo, através das conversas nas redes sociais e nos outros encontros que a vida promoveu.

4.1 Cleiton e Nieverson: forças potentes que criam devires

Cleiton e Nieverson, dois jovens que foram meus alunos na Escola Quinze de Junho e reencontrei nas redes sociais onde eles relataram as experiências vividas fora do assentamento enquanto estudantes de graduação e pós-graduação.

Cleiton saiu de casa com 14 anos para fazer o curso técnico em Canguçu (RS) e a seguir optou por continuar seus estudos na graduação no curso de

Agronomia, na Universidade Federal de Pelotas. Depois de concluída, ingressou no Mestrado e logo após no Doutorado.

Múltiplos foram os desafios em sua vida de estudante. Inquietudes constituídas pela saudade de casa, “da família”, como ele mesmo disse. Embora longe dos familiares, os vínculos afetivos permaneceram vivos. Em alguns momentos, o desejo de voltar, desafios que foram enfrentados e superados. Cleiton relatou seu retorno à comunidade por ocasião do estágio no curso técnico, quando trabalhou com a produção de árvores frutíferas, algo bastante significativo para ele. Assim também fora com o estágio na Graduação. Dois momentos em que pode contribuir com a vida da comunidade, entrelaçando os saberes da educação formal com as experiências do cotidiano. “É muito legal voltar e enxergar com outros olhos o que a gente via antes de uma forma diferente”. E quando se referiu a importância de ter buscado formação acadêmica, disse: “A gente nunca pode esquecer de onde veio, dar valor para isso e manter a humildade sempre”.

Já Nieverson concluiu o Ensino Médio na Escola Quinze de Junho e, três anos mais tarde, ingressou na mesma universidade, no curso de Veterinária, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Fez seu estágio de conclusão na Universidade Federal de São Paulo. Relatou sua experiência desde a saída de casa, os desafios na graduação e as relações que estabeleceu com colegas e professores. A educação comunitária e a relação com o MST aparecem na sua fala: “Hoje tem muitos professores que tem muito orgulho das nossas turmas. Falam muito bem de nós devido a nossa organização em relação aos estudos”. Sua expressão “nossa organização” remete a dinâmica do MST, como acontecem os processos coletivos nos acampamentos e assentamentos. Os processos educativos do MST se desdobram nas experiências de formação nos espaços acadêmicos.

Quando se referiu a terem adquirido o respeito por sua turma por se tratar de jovens ligados aos movimentos sociais, especificamente o MST, fala de um processo bastante sofrido, conquistado com luta na instituição. Distante geograficamente da região pelas contingências de suas escolhas se percebe atravessado pelas experiências que constituem sua história de vida.

Duas experiências distintas de jovens que saíram do Assentamento e lançaram-se ao desafio de continuar a formação educacional fora do lugar que viveram a infância e parte da juventude, cujas narrativas servem como testemunho

dos entrelaçamentos da educação formal e educação comunitária. Cleiton reconhece no trabalho da “regional”, como assim reporta-se ao MST, por poder ocupar os espaços que ocupa hoje. A memória social das lutas pela terra e vivências do cotidiano confortava suas horas duras de estudo, transformando-se no que eu entendo hoje por forças potentes para esse prosseguir. Isso prova a importância dos processos construídos na educação comunitária, como aborda Gohn (2011): matrizes geradoras de saberes construídos no coletivo em diferentes tempos e espaços:

Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. (GOHN, 2011, p. 333)

Em suas falas os meninos entrevistados trazem também coisas do cotidiano que os atravessam ainda hoje nos espaços formais que ocupam. Revelam o quanto se sentem comprometidos com as causas sociais, pois entendem que o que aprenderam na vida comunitária constitui suas subjetividades.

Assim como as mulheres que, com seus fazeres e inserção na comunidade, produzem seus discursos, tecendo memórias. E o próprio Frei Sérgio Görden que afirmou sentir-se desafiado a retornar à terra quando disse: “Como posso defender a causa dos pequenos agricultores morando na cidade”? Questionamento que o levou a morar no Assentamento.

Em vários momentos das nossas conversas, retornamos aos tempos dos primeiros anos escolares e, de modo especial aos anos que tive a oportunidade de ser professora naquela comunidade. Entre risos, povoamos nossa conversa de lindas e intensas lembranças. Eles continuam meninos afetuosos, carregando em si o encanto de quando eram crianças. Suas narrativas constituíram agenciamentos de enunciação, ou seja, remetem ao coletivo como plano no qual o dito e o vivido de forma singular não pertence ao sujeito individualmente, mas são criados mediante fluxos múltiplos que produzem discursos. “Eu não me via lá”, diz Cleiton num ponto de nossa conversa. O “não se ver lá” torna-se um modo de ver-se além, com possibilidade de retornos numa nova configuração: de agricultor a técnico e pesquisador e desse modo poder contribuir com as comunidades em suas práticas

cotidianas e além delas. E ainda aquele “a gente nunca pode esquecer de onde veio”. Assim, os retornos tornam-se potentes fluxos de devires.

Figuras 35: A Educação Infantil



Fonte: Autora (1999)

Figura 36: Os educandos nos Anos Iniciais



Fonte: Autora (2000)

Focados em seus objetivos, porém comprometidos com a vida comunitária. Seus sonhos os levam para outros lugares, mas os aprendizados dos fazeres do cotidiano, da vida simples, tramada com outros aprendizados da educação formal e acadêmica, constituem subjetividades singulares.

Percebi em seus relatos que as experiências que viveram na educação comunitária se misturam aos processos de educação formal dentro e fora do Assentamento, pelos modos como se referem aos vínculos que mantêm com as famílias, as formas como expressam suas posturas diante das demandas sociais e nas práticas profissionais que assumiram como agrônomo e veterinário, o que permite a eles inserir-se nesses campos de atuação com um olhar afinado com as

lutas das comunidades assentadas, com a agroecologia e o desenvolvimento sustentável. É visível a forte contribuição da educação comunitária em suas vidas. Suas escolhas pessoais são atravessadas pela educação comunitária e formal, o que os sustentam nos novos estradeares.

5 DO MINORITÁRIO AO MAJORITÁRIO: A LUTA PELA TERRA E PELA VIDA

As linhas até aqui desenhadas das experiências vividas nos encontros com os sujeitos que habitam ou habitaram o Assentamento Conquista da Fronteira, me levam a mover o pensamento do minoritário ao majoritário no sentido de indagar a questão do pertencimento como um discurso recorrente do MST para o fortalecimento da luta pela terra.

Luta pelo direito a terra que forjou um novo povoamento na região da campanha gaúcha com os assentamentos onde antes só havia estâncias. Histórias que compõem conquistas do MST, e transformam vidas nessa região, tradicionalmente formada por áreas de latifúndio agroexportador.

Trajetórias de luta pela terra e a reforma agrária, cuja conquista não se restringe aos interesses dos trabalhadores Sem Terra, mas beneficia a sociedade como um todo pela possibilidade de romper com as estruturas fundiárias e produtivas capitalistas e a exclusão social. Como afirma Martins (2000):

Reforma agrária é todo ato tendente a desconcentrar a propriedade da terra quando esta representa ou cria um impasse histórico ao desenvolvimento social baseado nos interesses pactuados da sociedade. (MARTINS, 2000, p. 107)

Grandes extensões de terra sendo transformadas em assentamentos baseados na agricultura familiar e em processos coletivos de uso dos meios de produção, através da organização de cooperativas. Assim, as áreas conquistadas pelo MST tornaram-se “[...] lugares de vida e de trabalho para muitas famílias, e de produção de alimentos para mais outras tantas [...]”. (CALDART, 2001, p. 207)

Lugares conquistados com muitas mortes, mas que criam vidas, “vidas inteiras” (CALDART, 2001, p. 210) e entrelaçadas por intensas experiências que produzem os lugares e os sujeitos que dele fazem parte.

Além da terra e da produção que sustenta as existências dos assentamentos, o direito à educação constitui todo o plano de existência dessas comunidades. A educação é uma das reivindicações do MST levada a efeito pelo próprio movimento, como também a cargo do estado via oferta de escola pública nas comunidades assentadas.

[...] há no campo um expressivo movimento pedagógico com experiências inovadoras coladas as raízes populares, as matrizes culturais do povo do campo. A educação escolar ultrapassa a fase “rural”, da educação escolar “no” campo para educação escolar “do” campo [...] Vai-se, portanto além da “escolinha das letras” (Ler, escrever e contar) para se trabalhar participativa e criativamente um projeto de Brasil, um projeto de Campo resgatando e valorizando os valores típicos do povo do campo. (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 10)

Os discursos proferidos pelos agentes da Igreja e do MST indicam que o pertencimento a comunidade fortalece o entendimento que a vida da coletividade precisa ser defendida para assegurar sua sobrevivência, o que implica assumir o compromisso como militante na luta pela terra. Um sujeito político emancipado identificado com o MST. Assim se fortaleceriam os vínculos entre as gerações mais velhas e as mais jovens, no sentido de constituir as identidades dos sujeitos sociais e culturais que se auto-identificam com as causas do movimento.

A concepção de sujeito político e emancipado constitui os discursos das lideranças do MST, como Frei Sérgio e eu, no momento das lutas sociais em que o coletivo sobrepunha-se sobre o indivíduo em particular. Produção de subjetividades em que esses sujeitos se reconheciam (e muitos ainda se reconhecem) enquanto militantes defensores de um projeto coletivo de conquista da terra.

Porém, tal reconhecimento encontra-se hoje em declínio, tendo em vista as mudanças sociais, políticas e culturais produzidas por uma reconfiguração histórica das formas de modernização. A defesa da autonomia, liberdade de escolha e da autoafirmação humanas como princípios fundamentais de um sujeito emancipado capaz de libertar-se de um sistema homogeneizante e opressivo e de alcançar o fim do sofrimento humano desaparece frente às práticas de governo da vida pautadas no individualismo.

Conforme Bauman (2001), na configuração da modernidade contemporânea duas características estão presentes: uma são o colapso e o rápido declínio da crença de que há um caminho a ser trilhado para se atingir um futuro de perfeição e, a outra é a desregulamentação e a privatização das tarefas modernizantes, ou seja, o que se tomava na modernidade sólida como um projeto coletivo de emancipação, torna-se hoje atribuição e administração dos indivíduos que devem assumir a responsabilidade pelas suas escolhas. Logo, na sociedade moderna presente existe um movimento incessante de individualização.

A “individualização” agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna – os tempos da exaltada “emancipação” do homem da trama estreita da dependência, da vigilância e da imposição [...] Resumidamente, a “individualização” consiste em transformar a “identidade” humana de um “dado” em uma “tarefa” e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização. (BAUMAN, 2001, p. 39-40)

As configurações sociais e culturais contemporâneas lançam o desafio de repensar as estratégias de luta e resistência do MST ao sistema capitalista excludente. Os discursos dos movimentos sociais marcados pelo pensamento marxista da eliminação da luta de classes por meio de ações revolucionárias de enfrentamento dos “inimigos” encontram-se deslocados pelas novas demandas de concorrência no mercado do agronegócio.

Como presenciei na primeira visita que fiz como pesquisadora no Assentamento ao participar do evento político e festivo promovido pela Cooperativa de Produção e Trabalho, Integração Ltda. (COPTIL) que reuniu mais de duzentas pessoas, famílias do Assentamento, associados, produtores locais, lideranças políticas e religiosas, por ocasião da inauguração da agroindústria de vegetais e unidade de recebimento, secagem e armazenagem de grãos. Sendo isso uma conquista para os trabalhadores, num tempo de grandes desafios da economia.

Para entender as questões que envolvem o eixo majoritário dessa análise, debrucei-me sobre as “Trincheiras da resistência camponesa sob o pacto de poder do agronegócio” livro de Frei Sérgio publicado em 2017, que faz uma abordagem sobre as demandas do mercado que capturam os movimentos sociais.

Esse levantamento histórico das lutas sociais de enfrentamento ao grande poder multinacional, foca-se nos dias atuais em defesa da agroecologia através da agricultura familiar como alternativa de produção de outros modos de vida.

Agroecologia que aparece na Romaria da Terra, dando indícios de como o discurso das lideranças políticas e religiosas se modifica ao incorporar novas bandeiras de luta. Pois, em tempos difíceis, cabe ainda a resistência para forjar alternativas e enfrentar os desafios atuais.

Resistência que acontece de diferentes modos. Tanto nas práticas mais tradicionais do MST, como as romarias, ocupações e mobilizações coletivas, quanto nos espaços do cotidiano dos assentamentos. Lugares esses onde homens e mulheres fazem das lidas diárias suas estratégias de luta pela vida.

Trama de macro e micropolíticas de subjetividades que compuseram territórios de educação comunitária e formal dentro e fora do Assentamento Conquista da Fronteira constituindo esta escrita rizomática.

A educação comunitária está engendrada nos fazeres cotidianos das famílias, nos movimentos do MST, no Assentamento e nas experiências da educação formal que aconteceram na Escola Quinze de Junho. Linhas que cruzam tempos passados e presentes e produzem os modos pelos quais os sujeitos percebem suas relações com os lugares, os tempos e as próprias existências.

Tracei este mapa das experimentações vividas no MST e no Assentamento Conquista da Fronteira para constituir territórios de olhares, escutas e vivências que buscaram ir além de uma simples análise de histórias observadas de fora. Busquei experimentar com os sujeitos os fazeres do cotidiano e acompanhar os efeitos dessas experiências nos modos como se criam singularidades.

Composição de histórias ativadas pela produção de memórias da chegada das primeiras famílias a essa localidade. (Re)encontro com as famílias e com a vida comunitária do Assentamento de onde emergiram devires- mulheres flores e frutos. Mulheres assentadas que semeiam e cultivam seus jardins e pomares, cuidam dos filhos, da terra. Também há aquelas que não estão mais no espaço geográfico do Assentamento, mas que permanecem lá pelos laços de afeto, amizade e solidariedade que mantêm com as pessoas e lugar onde viveram.

Laços que também me moveram a (re)encontrar Frei Sérgio, e ter com ele um dedo de prosa para compreender um pouco mais a história do Assentamento, a história da luta pela terra. Da boniteza da conversa à produção de afecções de um tempo de lutas, dores e resistência que povoaram lembranças daquele tempo.

Memórias dos tempos de atuação da Pastoral da Juventude (PJ) e o envolvimento em ações ligadas ao MST no Assentamento, nos eventos lá realizados, sendo um dos mais marcantes a vinda de Paulo Freire que se deu no rigoroso inverno do ano de 1989 para uma formação pedagógica e política das lideranças e dos educadores/as das escolas dos assentamentos da região.

Movida pelas afecções dessa conversa com Frei Sérgio, retornei a Romaria da Terra na sua 42ª edição, neste ano de 2019. Desse modo, pude perceber novas configurações no cenário macropolítico das relações entre as igrejas e o MST, forças aliadas que, hoje, levantam a bandeira da agroecologia e da alimentação saudável, discursos que intensificam a luta pela vida vivida com dignidade.

O direito à educação também é anunciado e intensificado nos discursos dos movimentos sociais. Educação que acontece no convívio das famílias e nas escolas, nas marchas, nas lutas e nas romarias. Múltiplos territórios onde as crianças e os jovens se educam e são educadas.

Então, chego às experiências de dois jovens que foram meus alunos na escola Quinze de Junho e hoje não moram no Assentamento, mas permanecem vinculados ao lugar pelos laços de afeto. Duas experiências distintas de jovens que saíram da comunidade, lançando-se ao desafio de buscar a formação profissional e acadêmica fora do Assentamento. Porém, não se pode dizer que os vínculos foram quebrados e as causas abandonadas. O pertencimento às lutas não se perde, pois permanecem comprometidos pelas práticas profissionais no campo da agricultura e pecuária e abrem novos territórios de produção de existências com a graduação e a pós-graduação, entrelaçando o que aprenderam na vida comunitária e na educação formal dentro e fora do Assentamento.

Por fim, os encontros e reencontros desta escrita me levam a perceber e sentir profundamente o quanto é importante para a minha história de vida ainda poder caminhar com esses sujeitos na defesa do direito a terra e à vida, mesmo que por outras vias. É a metamorfose da vida que precisa aprender a lidar consigo mesma e com o mundo ora desenhando, ora sendo desenhada em múltiplos transbordamentos produzidos por fluxos em movimentos constantes. Estava me lembrando de Paulo Bomfim e de um de seus poemas citados nessa escrita num capítulo anterior.

A poesia que permeia este mapa de afetos como uma chuva fina e silenciosa numa terra que anseia pelo desejo de continuar gerando vida através, quem sabe, de outras vivências e outros escritos criadores de possibilidades, de tornar visível a beleza e vitalidade dos cotidianos com seus aromas e sabores. Entrelaçamentos de afectos e perceptos que ainda estão por vir. Pois, esse é curso da cartografia, mapa aberto a outras possibilidades, outros povoamentos, composição de múltiplas paisagens.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, p. 131-149.

ARROYO, Miguel Gonzales; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília/DF: Ed. ANCA, 1999. 85 p.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.

BARROS, Regina Benevides de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Revista Estudos Avançados**, vol. 15, nº 43m, São Paulo, set./dez., 2001, p. 207-224. Disponível em: scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016. Acesso em: 13 mar. 2019.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016. 477 p.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 319 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 1ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1992. 226 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, 2ª ed., vol. 1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: editora 34, 2011. 127 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2ª ed., vol. 4. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: editora 34, 2012. 125 p.

DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução: Vera Porto Carrero e Antonio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 299 p.

GÖRGEN, Sérgio Antônio. **Trincheiras da resistência camponesa sob o pacto do poder do agronegócio**. Candiota, RS: Instituto Cultural Padre Josimo, 2017. 584 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246 p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France (pronunciada em 02 de dezembro de 1970). 2ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. 85 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8º Ed. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 536p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008. 236 p.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47 maio-ago. 2011 p. 333 – 512. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf> Acesso em: 05 abr. 2019.

HUR, Domenico Uhng. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. **Athenea Digital**, n.13 (2), julho 2013, p. 179-190. Disponível em: psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Hur. Acesso em: 02 abr. 2019.

LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael. Ética dos devires: a potência de diferenciar-se. **Razão Inadequada**. 2019. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/deleuze/etica-dos-devires/>. Acesso em: 02 de março de 2019.

LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael. Ética da doçura. **Razão Inadequada**. 2019. Disponível em: [razaoinadequada.com/fundamentos/ética-da-docura/](http://razaoinadequada.com/fundamentos/etica-da-docura/). Acesso em: 26 jun. 2019.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5ª ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 154 p.

MARTINS, José de Souza. Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível. **Tempo Social Revista Sociologia**. USP, São Paulo, 11(2), fev. 2000, p. 97-128.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: o cotidiano e história na modernidade anômala. 3ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2017. 172 p.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. 207 p.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2014. 304 p.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em: cedes.unicamp.br. Acesso em: 13 de outubro de 2018.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever**: inquietações metodológicas. Porto Alegre, RS: Sulina Ed. UFRGS, 2013. 183 p.

APÊNDICE

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: (Re)encontros que tramam existências: educação comunitária e educação formal no Assentamento Conquista da Fronteira (Hulha Negra, RS)

Orientador (a): Profª. Dra. Dulce Mari da Silva Voss

Proponente da pesquisa: Clarice Gomes de Almeida

Você está sendo convidada (o) para participar, como voluntária (o), na produção de dados para a pesquisa acadêmica de Mestrado em Ensino que tem por objetivo: Compartilhar experiências e produzir memórias da vida comunitária e escolar no Assentamento Conquista da Fronteira (Hulha Negra, RS).

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o projeto em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interrompê-lo a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Informamos que para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação serão assumidos pela proponente da pesquisa. Esse instrumento, também autoriza a divulgação e a exposição de filmagens e imagens feitas no trabalho. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela proponente responsável.

Nome do Participante ou responsável: _____

Assinatura da/o Participante

Assinatura da proponente da pesquisa

Local e data _____